



D. Manuel Mendes da Conceição Santos

Ilustre Arcebispo de Evora

Braga, 8 de Dezembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 350 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.da

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano. . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano. . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

## A'S MÃES

**Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos?**

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de figados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

**FARMACIA FIGUEIREDO, L.da**

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

## Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

**ALMEIDA, GOMES & C.<sup>A</sup> L.<sup>DA</sup>**

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café  
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

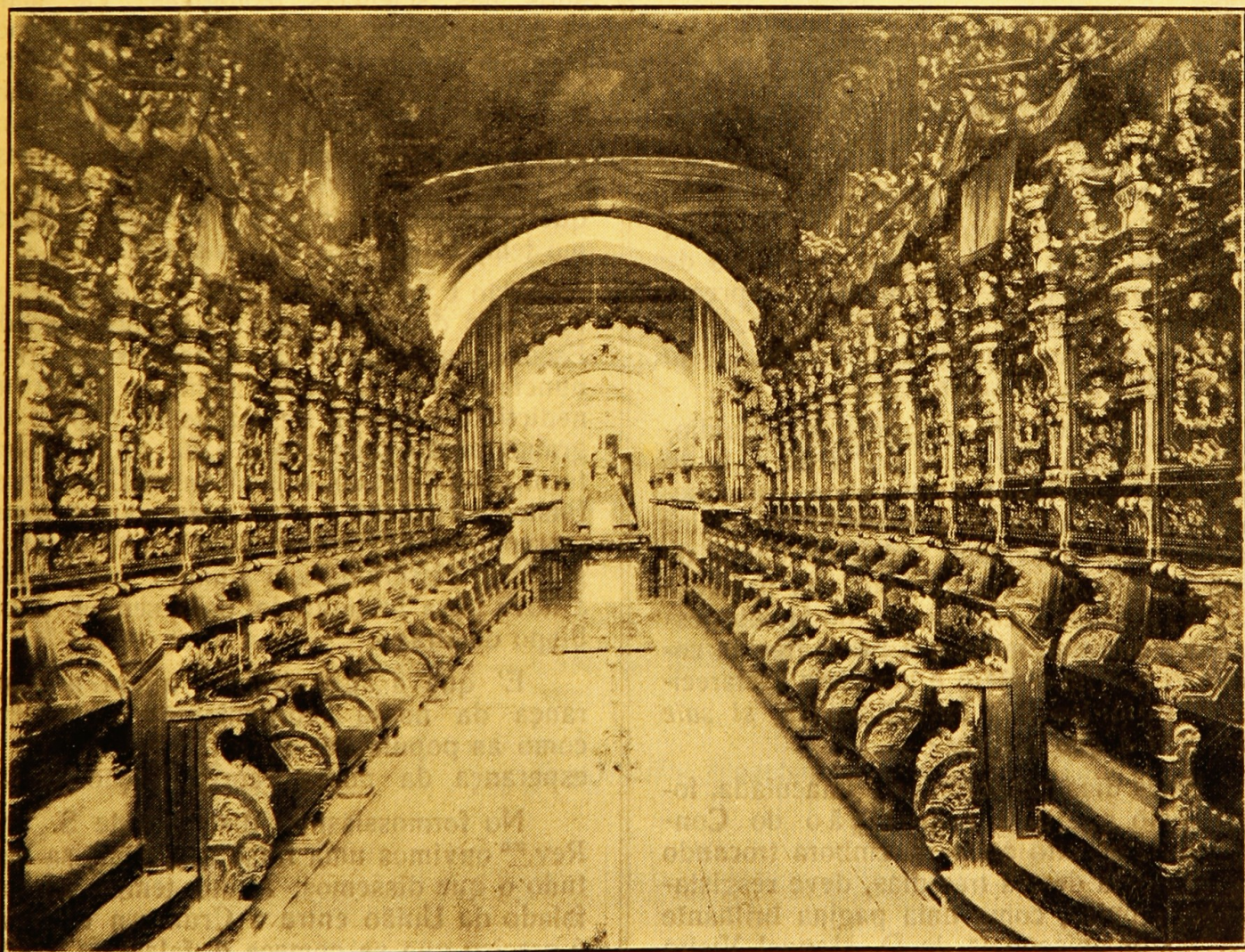
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 8 de Dezembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VII — N.º 350



BRAGA — Coro da Sé



## No Seminario de Braga

PORTUGAL celebra hoje a festa da sua Imaculada Padroeira, dogma bem caro ao nosso coração, que acendia de suavissimo ardor os animos de nossos antepassados.

Endechas suavissimas lhe canta a liturgia, e ainda não alvorecia a Idade media, o diacono de Edessa, S. Efrem Sirio, agora elevado á preeminencia de Doutor, arrancava da sua lira dulcissima cantos arrebatadores que ainda hoje modulara os ritos orientais.

Ideal imarcessivel de candura e beleza, é Maria prototipo de acção. De acção sacerdotal, que seu virgineo seio foi o templo em que o Verbo se tornou sacerdote; de acção multiforme tambem, que por subidas razões é precisamente no Misterio da Conceição Imaculada que a tomaram por modelo e protectora, e broquel e paladio, todas as obras e instituições catholicas de nossos dias.

Vão passados oito anos que no templo do Seminario se reuniu um Congresso das Obras catholicas. Desse congresso nasceu um complexo vasto de operosidade cristã, que tem neste lustro e meio decorridos rodeado de trabalhadores incansaveis o nosso Prelado, e animado S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> se é que em pontos de acção catolica cabe dizer isto de tão activo Prelado — aos maiores empreendimentos. Desde os Seminarios ás Obras de piedade, das Juventudes á Imprensa, *nemo qui se abscondat a calore ejus*.

De todas as obras sociais da arquidiocese, nenhuma merecerá, porventura, tanto disvelo á Autoridade Ecclesiastica, como sejam os Seminarios. E é natural. Do maior brilho dessa dependem todas as obras de acção. Ainda aquelas que por sua natureza não dispensam a cooperação do laicato, estiolam e morrem, falecem a breve trecho, como não tinham o clero e um clero esclarecido a dirigi-las e a encaminha-las, *si sale evanuerit a quo salietur?*

Estes dias consagrados á Imaculada, foram como que uma repetição do Congresso de há oito anos. E embora trocando a crónologia destes tres dias, deve registalo esta cronica, como uma pagina brilhante dos Fastos episcopais de D. Manuel Vieira de Matos.

Hoje a benção prelatia sobre a primeira pedra de um novo edificio para o Curso Teologico é a garantia do prossegui-

mento de uma obra bem notavel, notavel a todos os titulos. Ela nos diz que amanhã encontrarão abrigo os numerosos seminaristas que no de preparatorios tenteiam os primeiros passos da vida sacerdotal.

E que formosos primeiros passos! Ontem o verificamos numa festa de solene distribuição de premios, em que, como especimen da vasta cultura ouvimos em doce dicção latina cantarem, pequenitos ainda, as glorias de Maria; cantarem-na tambem em vernaculo suavissimo, e discretaram sobre problemas graves, e com seguro criterio, alunos dos anos mais avançados dos preparatorios, e de todos os teologicos. E com esse exemplo, de si uma lição, ouvimos com filial respeito a do illustre Prelado que sintetizou em um discurso toda a teologia marial.

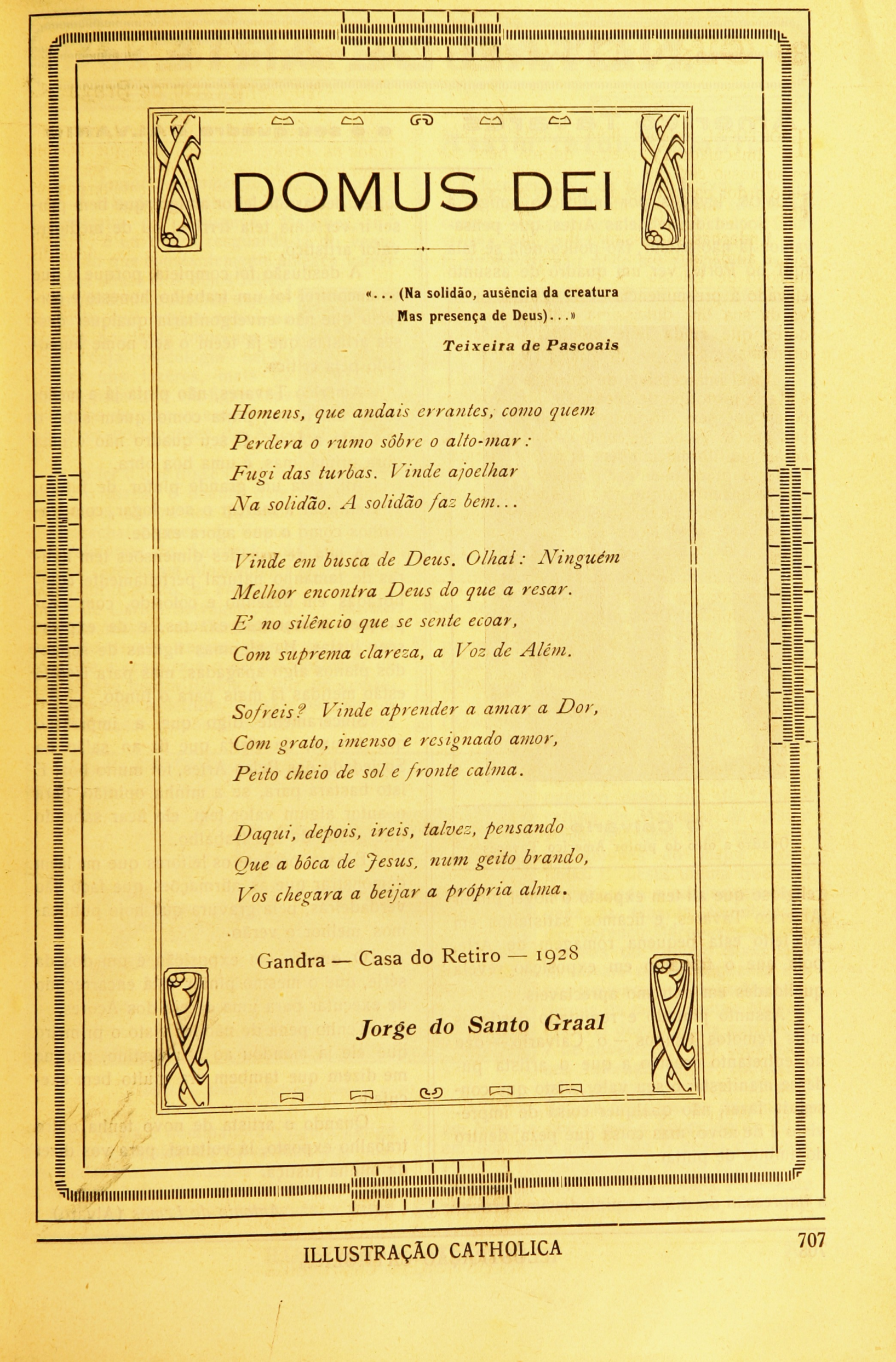
Mas ao espirito do senhor Arcebispo não basta que os seus padres sejam eximios nas sciencias teologicas. Vai mais alem. E' porque deseja que no seio das populações rurais, que são toda a Provincia, possam encarnar a Providencia, quis tambem torna-los mestres de agricultura, para que fomentem as riquezas da terra ao mesmo tempo que distribuam as do ceu, para que ensinem o cultivo dos campos, ao mesmo tempo que cultivam as almas.

Não é aqui o lugar de compendiar os formosos discursos que na inauguração da Escola Agricola do Seminario foram pronunciados. D. Antonio Coelho, o sabio benedictino, o Conde de Azevedo, fidalgo de grande acção social, o Abade da Carreira, tecnico consumado, o P. Manuel Domingues Basto, jornalista insigne, em varios aspectos porque encararam aquela solene inauguração, disseram bem quanto valor tinha a nova obra inaugurada pelo senhor Arcebispo de Braga.

E' que a agricultura é ainda a esperança da nossa reorganização financeira, como as populações agricolas são ainda a esperança da nossa reorganização moral.

No formossissimo discurso de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> ouvimos uma frase que sintetisa bem tudo o que dissemos. Muito tempo se tem falado da União entre a Cruz e a Espada; é preciso que se comece o falar da União entre a Cruz e a Enxada.

Que otimos frutos antevemos a desentranhar do seio desta obra, para felicidade da Patria, e maior prestigio da Igreja.



# DOMUS DEI

«... (Na solidão, ausência da creatura  
Mas presença de Deus)...»

*Teixeira de Pascoais*

*Homens, que andais errantes, como quem  
Perdera o rumo sôbre o alto-mar:  
Fugi das turbas. Vinde ajoelhar  
Na solidão. A solidão faz bem...*

*Vinde em busca de Deus. Olhai: Ninguém  
Melhor encontra Deus do que a resar.  
E' no silêncio que se sente ecoar,  
Com suprema clareza, a Voz de Além.*

*Sofreis? Vinde aprender a amar a Dor,  
Com grato, imenso e resignado amor,  
Peito cheio de sol e fronte calma.*

*Daqui, depois, ireis, talvez, pensando  
Que a bôca de Jesus, num geito brando,  
Vos chegara a beijar a própria alma.*

Gandra — Casa do Retiro — 1928

*Jorge do Santo Graal*

Americo Tavares

e o seu quadro CALVARIO

FOMOS, levados por indicação amiga, á Sociedade de Belas Artes, que pensavamos já não existir, tão pouco nela se fala aqui no Porto, ver um quadro de assunto



© Calvario

Quadro a oleo do pintor Americo Tavares

religioso que ali tem exposto o novel pintor Americo Tavares, e ficamos satisfeitos em ter feito esta pequena romagem de Arte, pois que o trabalho em exposição revela qualidades em extremo apreciaveis.

Assunto pintado e repintado desde os mais remotos tempos — o Calvario — deu no entretanto occasião a que o artista pudesse manifestar o seu valor, visto que conseguiu fazer, não qualquer coisa de imprevisito e de novo, mas coisa que peza, dentro do ambito de pintar.

Quando seguia para a exposição e sob a impressão do difficil e pintadissimo assun-

to, eu declaro-te leitor amigo, que bem pensei ir ver uma tela terrivel ou de mediocre valor artistico.

A desilusão foi completa, porque o que eu encontrei foi um trabalho honesto e correcto que não envergonharia qualquer desses artistas que já teem o seu nome aureolado pela critica.

Americo Tavares, não pinta já a medo, como um novo; pinta como quem sabe o que está a fazer. O seu quadro não é uma obra prima, mas, é uma boa obra.

Ali, está um grande pintor de futuro, se continuar a marcar o seu logar, com trabalhos como o que agora expõe.

A tela de grandes dimensões tem figuras de tamanho natural perfeitamente equilibradas em desenho e colorido, com proporções anatomicas exactas, e de expressões justas. Ha algumas figuras de segundos planos algo apagadas, mas para isso lá estão metidas lá mais para o fundo.

Sinceramente digo que a impressão que trouxe, da visita que fiz ao salão da Sociedade das Belas Artes, foi muito boa. E isto bastará para, se a minha opinião, para o autor algum valor tem, ele ficar sabendo que gostei do seu trabalho.

E para, perante os leitores que me leem demonstrar que as afirmações que faço são verdadeiras, pela gravura que hoje publicamos, melhor o verão.

O quadro em exposição é um dos da série, que o mesmo pintor está encarregado de executar para uma igreja dos Açores.

Tenho pena de não ter visto o primeiro que ele já mandou ao seu destino, porque me dizem que tambem era muito bem executado.

Quando o artista de novo tenha outro trabalho exposto, lá voltarei, para vos dizer da minha justiça.

Antonio de Lemos (Alvaro)

# Dos Senhorios d'África...

## Assim falou Uamúle

... **O** *Jornal do Comercio* traz-me hoje a fala de Uamúle, 1.º cabo da Guarda Republicana de Lourenço Marques, n.º 1.215/L, e eu quero resguardá-la do vento de olvido que constantemente ameaça varrer as belas almas dos belos feitos, no turbilhão de questões e questões que regira sobre as páginas hostis da imprensa colonial, cuja psicologia hei-de dedicar uns lazêres, mais de espaço, para que ela figure nas anotações do que vi e ouvi nos senhorios portugueses de África...

E ao ler o que disse Uamúle, reabri o mapa, e deante dele, fui pedir á *Guerra nas Colonias* do marechal Gomes da Costa, ao *Relatorio* de Uorbeck, á *Grande Guerra em Moçambique* do Major Curado, á *Tropa de Africa* de Carlos Selvagem, e á *Epopeia Maldita* de Cértimo, a evocação dessas tragicas horas de Kiwambo, onde a bravura e o sereno destemôr de Uamúle lhe deram titulos á cruz de guerra.

Treme-se á leitura dessas paginas. A tragedia desse combate, de cujo entrevêro

a beleza epopeia de gentil bravura do capitão Curado, á frente de oficiais cheios de chama, — essa tragedia de que marca uma vitoria bem ganha mas inutil, porque, á falta de meios, não pôde ser explorada numa

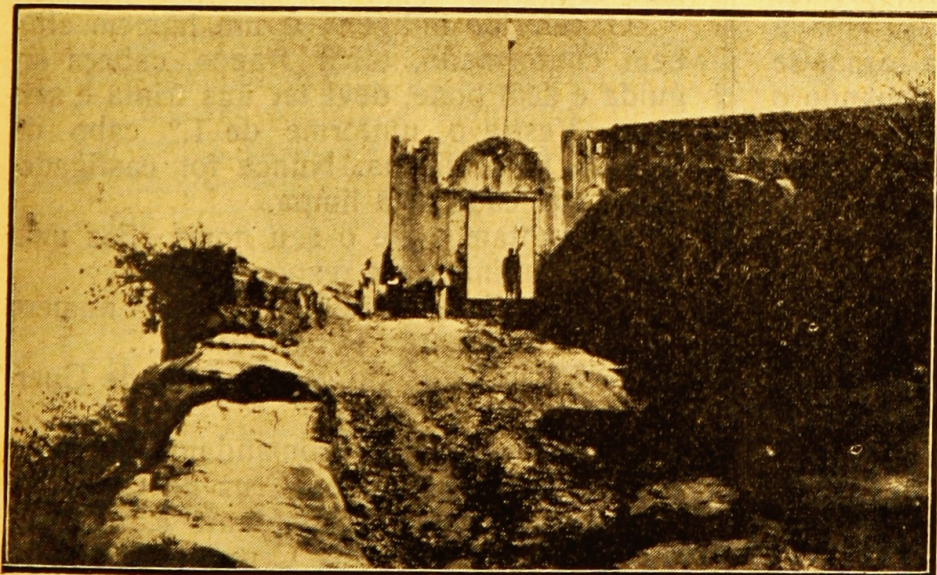


AMATONGAS — Missões Franciscanas — «Deixai que os pequeninos venham a mim»

perseguição tenaz dos alemães, — é alguma coisa de ímordeiro nas nossas campanhas coloniais.

8 de novembro. Marcha sobre Lulinde (Kiwombo), primeira escala da jornada militar Newala-Massassi traçada na ordem do quartel general da expedição em Palma a 12 de outubro desse ano de 1916 á coluna de Massassi do major Pires, reforçada mais tarde pelas colunas do major Gama Lobo. E' nesta ultima que está incorporado o contingente indigena da Guarda Republicana de Lourenço Marques, das companhias do capitão Bivar que formavam na ala esquerda e a que pertence o 1.º cabo Uamúle, depois da marcha sobre Newala que vai desde 26 de outubro a 7 de novembro, e por seus transe infernais ficou conhecida pela *Marcha da osga*. E' pois no dia seguinte ao da entrada

em Newala que o major Leopoldo da Silva em boa hora assumindo o posto do major Pires, e reorganizando a tropa exausta em tres dias, rompe a marcha para noroeste com uma coluna «horda de rotos, meio des-



SOFALA — Ruínas da Fortaleza (Fotografia antiga)

exsurge livida e dominadora a figura antiga do major Leopoldo da Silva «um dos nossos mais bravos soldados e um dos mais valorosos chefes que tem vestido a farda de artilheiro do exercito português, e passa

moralizados pela permanencia em Africa e pelo abandono», na frase de Cértima, que só faz ganhar vulto á valentia por ela revelada em combate, mercê de chefes admirados pelo proprio grande chefe alemão.

O sol é de brazas causticas ás 11 da manhã. A coluna está ao alcance de Lulindi. A Companhia de Curado vai na testa do grosso, e vão com ela os pelotões negros da Guarda. Uamúle está ali, para ficar depois do combate, no posto de Nangôma, entrando no audacioso reconhecimento de Lulindi, a 13, como refere Cértima, depois do combate de Kiwambo.

Pelo mato denso do planalto dos Makondes, a estrada, se tal podia chamar-se-lhe, a custo se assinála. Curado vai com a infantaria negra, para a frente. Já desde as onze e meia se ouviam os tiros nas avançadas. O fogo de atiradores, á direita e á esquerda da estrada, crepita e propaga-se. A' 1 da tarde a artilharia inicia o tiro de preparação. O combate retrava-se. O alemão lança rajadas de fuzilaria e metralhadoras. Ha uma oscilação na nossa frente. Mas Curado, mais os seus belos officiaes, logra avançar com a sua infantaria indigena emquanto a artilharia com Aires de Abreu e Canavarro proibia ao inimigo a chamada das suas reservas da rectaguarda. Os landins, conta Cértima, descarregam cartuchos com frenesi, enervados pela polvora selvagem. O combate é no seu auge. Mas, a certa altura as munições escasseiam. E Leopoldo da Silva, tomba, heroica e mortalmente ferido quando ao aproximar-se da primeira linha vem assegurar o remuniciamento de uma metralhadora febril, prestes a sufocar-se. A morte do chefe produz a raiva alucinante e a loucura vai a tornar-se vertigem de desgraça nas fileiras, quando o capitão Curado, «pistola no cinturão, cavalo marinho, e cachimbo á rifle, dissimulado despretenciosamente sob o chapeirão boer, figura torrada de herbére com alma de gigante celtibero», em vista da recusa do capitão Rodrigues Batista, assume o comando, sem olhar para traz.

E' a hora suprema. A alma de Leopoldo da Silva alenta ainda o que se salva do desalento invadindo tudo. E o que se passa? Curado manda Salvador França levar á frente, o entusiasmo que levante as conturbações, «o ardor, a teimosia, a firme vontade de vencer que á rectaguarda vinha faltando já», narra o brilhante auctor da *Tropa de Africa*. E o combate revive com a fúria desses instantes em que tudo está na possibilidade do derradeiro esforço redentôr. São sete horas de tormento, sob a canícula vermelha, horas do mais sagrado e espiritual sacrificio pela Patria «sem uma gota de

agua já nos bornais, as gargantas queimadas de sol, e dos cheiros acres de polvora, e de todas as sedes do sangue excitado pelo combate...», descreve ainda Carlos Selvagem. E Cértima vai dizer-nos o ultimo lance desta lucta que alarma todo o nosso ser:

«Então de novo o campo se electriza. A' falta de agua, exgotadas já as ultimas garrafas da Curia e Vidago, urina-se á pressa no *refrigeradôr* das metralhadoras. Depois, sempre de pé, arrastando todo o arrial, o chefe precipita a sua companhia negra, numa avalanche sobre o *boche*, a qual, valente como nunca, ébria de polvora e lisongeada pela grandeza do comandante, rompe em pavorosa gritaria e faz uma *carga* ululante e épica. Foi o fim. O inimigo fraquejou, quebrou o *élan*, e, sob os ultimos tiros das nossas granadas, calou-se de todo, retirando em desordem, desmantelado, sem orgulho e sem forças, para a baixa charneca de Lulindi. Anoitecia».

Uamúle estava ali... Curado recorda no seu livro comovente esse assalto geral «brilantemente executado por toda a linha ao canto guerreiro dos soldados indigenas».

E agora ouçamos Uamúle.

«As terras de Gaza mereceram-nos sempre um carinho especial, e quando no Chibuto nos demoramos alguns dias visitando em Chaimite, as ruinas do antigo forte, comendo bons jantares e passeando pelas belas estradas, tivemos conhecimento de que no regulado Canhavane, agora entregue á *rainha* Bassanhana, havia um indigena condecorado com a Cruz de Guerra, com quem, graças á gentileza do Administrador, podemos conversar.

O referido indigena é um homem alto, bem conformado, olhar franco, cabeça erguida e sem boné, deve ter uns trinta e seis anos. Vestia o uniforme de 1.º cabo da Guarda Republicana. Nunca foi castigado, tem a sua caderneta limpa.

Perguntamos-lhe o seu nome. Fez uma grande continencia e respondeu:

— Eu chamo Uamúle, 1.º cabo numero 1.215 L, da Guarda Republicana...

— Estás satisfeito com a Cruz de Guerra que trazes ao peito?

— Estou! Nosso comandante já falou que é grande honra ter Cruz de Guerra, e quando fala assim comandante é porque é direito, e por isso esta Cruz de Guerra só vai acabar quando eu morre!

Perguntamos-lhe depois:

— Porque foi que te deram a Cruz de Guerra?

Pensou, e antes de responder, observou:

— Espera pouco! Eu quere falar que tem meu fardamento enrascado, pois não tem barrete e quere pedir a sr. para falar



esta coisa a nosso comandante, para mandar barrete, que eu paga nos descontos, pois não pode apresentar assim diante de nosso superior, sem fardamento na ordem... Sem barrete não estar direito!

E consigo mesmo, mais baixinho:

— Uamúle, tens razão!...

Prometemos interessar-nos para que lhe dessem o barrete da ordem, o que facilmente conseguimos por intermédio de um nosso amigo e distinto oficial do exercito, o capitão sr. Oliveira Dias.

Uamúle olha-nos de frente e conta assim a sua historia:

— Eu ganhou Cruz de Guerra porque eu foi muito malandro na Guerra... Eu matou muito malandro inimigo; quando via eles, pum! abaixo malandro que quer roubar nosso terra!... Nosso comandante sr. Bivar ter muito força, estar sempre a brincar com o medo, e nós assim também não pode ter medo. Assim é que é direito...

— Mas, interrompemos...

— Espera pouco... Soldado branco é mesmo maluco, não tem medo de tiros, quando bala passa assobiar também ele assobia assim...

E Uamúle assobia, imitando os seus camaradas, num assobio prolongado, agudo.

E continua:

— E' preciso ir buscar mais cunhetes? Vai eu, não tem medo; é preciso levar carta outro lado? vai eu, está direito...

E arregalando muito os olhos, como querendo dar expressão ás suas palavras:

— Quando está na trincheira a dar tiros no malandro inimigo, é bom... eu lembra que deu pancada naqueles malandro, no combate de Kiwambo, no dia 8 de Novembro, com soldado branco português e outro preto e nossos oficiais e sargentos, tudo não tem medo, pum, pum, pum, mata malandro inimigo, morre grande malandro. Foi assim que ganhou minha Cruz de Guerra!

— Parece que gostas da guerra?

— Gosta, que é meu serviço! Quando comandante chamar vai logo. Não tem medo! E' nosso serviço, e assim está direito...

E com grande convicção:

— Quando morrer ha-de acabar, e pronto!

— Não tens familia?

— Tem mulher e três filhos pequeninos...

Eu só ganha pouco dinheiro, 18\$00 por mês, que manda nosso chefe de Quartel General, por que tem esta Cruz de Guerra...

— Vives então com dificuldades?

— Trabalho pouco, pouco... arranjo milho e mandioca...

— Estou a ver que qualquer dia vais para o Transvaal, para as minas...

Nos olhos do heroico cabo passa um raio de indignação e, gesticulando muito, responde carrancudo:

— Eu é cabo! Não tem castigo e ter medalha bom comportamento! Não pode ir para minas! Quando eu vai fazer essa pouca-



Extasi  
Quadro de José de Brito

-vergonha, nosso comandante Bivar, vai ficar zangado e ter razão!... Eu não é preto de mina, é preto cabo do Governo e nossa bandeira, e só pode fazer serviço de nosso comandante.

E numa crescente revolta:

— Eu não sou *magaíça*!

Comoveu-nos aquela tirada, pela sinceridade que as palavras de Uamúle representavam. Lançamos então outras perguntas:

— Gostas de beber? Que querias para ser feliz?

— Não bebe, não, senhor! Quando bebe não faz serviço direito. Eu só precisa ganhar mais pouco dinheiro para chegar... Eu quer, quando meu filho é mais grande, ele vai na escola. Eu só quer ser 1.º cabo e ir na guerra quando nossa bandeira chamar. E' nosso serviço e não quer mais nada.

— Quantas mulheres tens?

— Só tem uma mulher... eu não é coelho...

— Não queres ir trabalhar em Lourenço Marques?

— Só vai quando vai na guerra...

Pedimos a caderneta ao valente Uamúle e dela transcrevemos para aqui o seguinte:

### Condecorações e louvores

Louvado pela destemida bravura e serenidade com que se houve na linha de fogo, concorrendo assim para o bom exito do combate de KIWAMBO, no dia 8 de Novembro. (Ordem do Comando da Expedição a Moçambique N.º 63, de 23 de Novembro de 1916). (B. M. N.º 11 de 18 de Julho de 1918). Cruz de Guerra de 3.ª classe (B. M. C. N.º 5 de 29 de Maio de 1919).

Despedimo-nos de Uamúle que, tomando a posição de sentido, disse:

— Dá licença?

— Que queres, Uamúle?

— Senhor vai a Lourenço Marques e então faz favor não esquece dar cumprimentos — e fez uma larga continencia — a nosso comandante, nosso chefe, senhores oficiais, nossos sargentos e *escamaradas*...

Prometemos faze-lo por intermedio do «Jornal do Comercio», e aí ficam os cumprimentos do Uamúle.

Já estavam afastados uns quarenta passos quando Uamúle, correndo, se vem perfilar novamente diante de nós e pede:

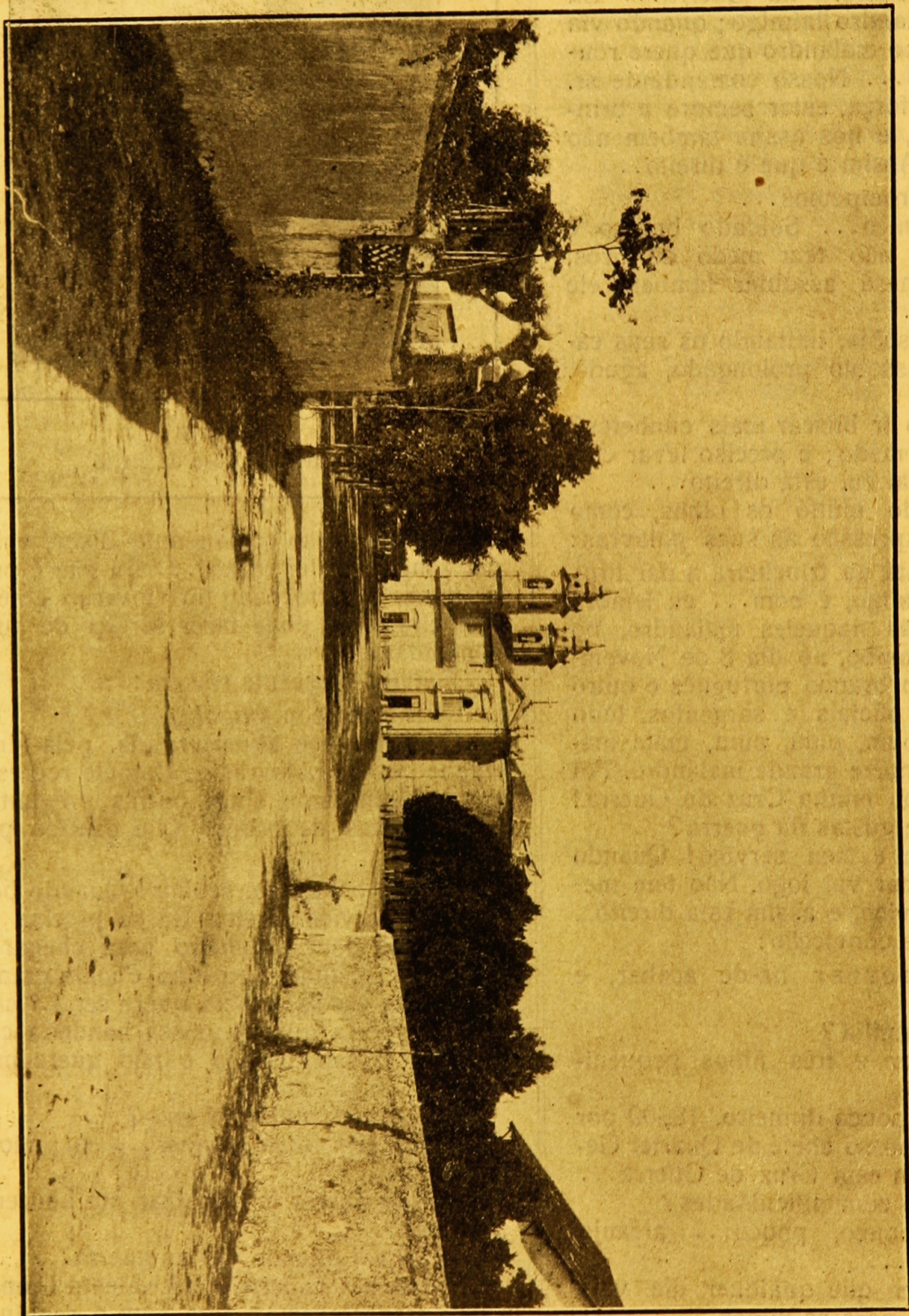
— Faz favor não esquece nosso barrete, porque fardamento assim não está direito para serviço de nossa bandeira...

E apontou-nos a bandeira nacional que o vento agitava no alto do mastro do Chibuto».

Assim falou Uamúle, alma de guerreiro impávido, que, como tantos outros bravos, aí ficaram por esta terra bemdita, como sentinelas esparsas, recogitando na memoria dos velhos feitos de legenda, recordando filialmente os seus officiais, e dando-se umas ás outras nos silencios das terras interiores da Africa Portuguesa, os alertas fieis de um amor pátrio que, ás vezes, portugueses de sangue puro não sentem, ou, quando sentem, não alimentam nem afervoram.

Novembro de 1928.

FRANCISCO VELOSO



BRAGA — O templo do Sameiro e o seu recinto

Fot. Alberto Marques

## A actual igreja paroquial

**P**OUCO mais de treze anos tem esta construção. Já ha muitos anos que se fazia sentir, de uma forma inadiavel, a grande necessidade de uma nova igreja paroquial. Compulsando-a cuidadosamente os actos da Junta desta freguezia, nelas se vê quantos esforços empregaram desde ha anos para esse fim os seus membros. Em 1886, no mez de Março e já noutros anteriores anos se tratou de assunto tão importante. Mas motivos deveras ponderosos, e outras difficuldades, principalmente a falta de recursos financeiros não deixaram levar ávante a sua realisação mais cedo.

Mandou-a construir o benemerito e illustre Conde de Agrolongo

sómente a expensas suas. Assim o afirma uma lapide de marmore colocada ao lado esquerdo do portico da entrada, sob o alpendre ou galilé que precede a igreja. Diz o seguinte: *Mandou erigir este templo o conde de Agrolongo, administrando a obra José de Araujo Barbosa; architecto João de Moura Coutinho A. Eça. Foi inaugurado a 11 de Abril de 1915 pelo Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos.*

Bem hajam aqueles que, com o Conde de Agrolongo, pela prática de actos generosos que significam grandes virtudes, se tornam dignos da sincera admiração de contemporaneos e vindouros.

Francisco José Correia, natural da freguezia de S. Lourenço de Sande, bem conhecido pelos seus grandes rasgos de altruismo e inumeras benemerencias praticadas, reconhecendo a urgente e cada vez mais evidente necessidade de uma nova igreja paroquial, visto a antiga ser muito insufficiente para a crescente população das Taipas, e sabendo quantos esforços, já ha

anos vinham sendo dispendidos para a efectivação deste «desideratum» de toda a população e sem resultado, doeu-se desta imensa contrariedade e resolveu levar a cabo a construção do templo, estipendean-do-a totalmente à sua custa. Bem haja quem tanto se interessa e espalha o Bem, a mãos generosas!

Lamentavel é porem, pesarosamente o

a firmamos, que as dimensões do edificio não correspondam ao principal fim em vista não só para a realisação dos actos liturgicos, como para a grande affluencia de fieis, principalmente desde que a capela de Santo Antonio foi demolida.

Segundo se

diz o proprio Conde de Agrolongo já por diversas vezes tem manifestado o seu justificado desgosto por este motivo com as seguintes palavras: *foi esta a obra que mais dinheiro me custou e é a que menos me agrada.* Efectivamente razão de sobra tem aquele benemerito em proferi-las. Para comprova-las basta olhar abstraindo do restante conjunto, para a deficiencia da capela-mór, á qual falta, além das devidas dimensões, a elegancia e magestade requeridas.

E tanto assim que o actual paroco, o rev. reitor Domingos José Antunes Machado, já adquiriu por compra, á sua custa, o necessario terreno para amplia-la, aguardando unicamente a oportunidade e aquisição de outros elementos monetarios, os necessarios para levar a efeito esta obra por todos evidentemente reconhecida como util e necessaria.

O aspecto geral do templo é agradável, mas conhece-se, logo, á primeira vista, que as suas dimensões são desproporcionadas



CALDAS DAS TAIPAS — Rua 31 de Janeiro

nalguns pontos. Consta que foi delineado pela fotografia da capela de um postal francez. Não tem estilo definido esta construção.

A torre é muito acanhada e o sino do relógio está mal colocado e de tal forma que constitui um perigo iminente para quem cuida dele.

Os dois altares laterais — do *S. Coração de Jesus* e de *S. José* — são pouco espaçosos e todos eles, incluindo o mór, dispõem de pouca luz.

Não queremos com estas nossas asserções ofender a alma bemfazeja e magnanima do seu ilustre fundador, de modo nenhum. O que temos em vista é simplesmente dizer a verdade, de modo que venham outros subsidios e outras dádivas contribuir para que, dentro em breve, desapareçam tais deficiencias.

(Continúa)

P.<sup>e</sup> Alberto Gonçalves

## RIBAMAR

### UM LIVRO!...

... **M**ODESTO no titulo, modesto no aspecto, modesto em todas as suas paginas.

A primeira frase deste belo livro de Teixeira Pinto é um acto de humildade serena: — «*uma historia sem principio nem fim*».

E' desta maneira por demais singela que Teixeira Pinto julga a sua obra.

Eu não posso julgá-la assim. Lembrome ainda do alto prazer espiritual que senti ao ler *Ribamar*. Encontrei em *Ribamar* um admirável breviário de patriotismo alto, sentido, profundamente vivido.

*Ribamar* é uma historia triste. Brillantemente escrita. Estilo de uma beleza esplêndida. Linguagem bem portugueza. Poucos, muito raros os estrangeirismos, que só uma revisão menos cuidada terá deixado escapar.

E' uma história triste.

E' uma história de desalento, de amargores fundos. Mas atrás desses amargores, atrás desses desalentos, se-

mi-oculta na tristeza que lhe penetra as paginas, brilha uma alta flama de fé nos nossos destinos, ardem labaredas de amor fino e forte, que só espera o momento propicio para

se manifestar em cruzadas heroicas, em arrancadas de entusiasmo e maravilha.

*Ribamar* é uma história pungente: — Portugal que perde na aventura das ondas o amor da lareira, o amor da courela, o amor de si mesmo. Portugal que se esquece de si para viver crucificado numa saudade trágica das maravilhas de longe. Portugal desapegado do que é seu, na ância incontida de abalar para estranhas terras a prodigalizar à farta entre gentes estranhas os tesouros inesgotáveis do seu espirito formoso e magnificamente rico.

Mas *Ribamar* não é uma história de sentimentalidades vagas e indefinidas. E' um livro onde a intelligência faz valer os direitos do seu primado orientador e comanda desassombadamente. Teixeira Pinto mostrou conhecer bem



Antonio Teixeira Pinto

Distinto escritor e nosso apreciavel colaborador

os males de que padecemos. A melancolia das suas palavras traduz a amargura da sua alma lusitaníssima ao ver o tresmalhar dramático do rebanho português. Vivemos como ovelhas que não têm pastor, e as palavras de Teixeira Pinto são tristes, porque as entristece a ausência do pastor. São tristes, porque ainda vê a pátria amadorrada, quasi sem vida, tornada inconsciente à força de se haver alimentada da miragem.

Teixeira Pinto «colou o ouvido contra a leiva para a sentir melhor» e por isso é que o seu desalento não é derrotista; é, antes, a melancolia activa dos que teem fé.

Obras como *Ribamar* são preciosíssimas. Educam, não dissolvem. Ensinam a conhecer males, mas não fazem desesperar da cura.

Eu só peço a Teixeira Pinto que nos dê mais livros como este. humildes, sim, porque a mais bela e mais formosa arte é a que se esconde nas singularidades da humildade; mas livros de fé, cheios daquela esperança do naufrago que anseia por encontrar-se na terra firme que já tem à vista.

Aquele Henrique —, o poeta melancolico que povôa de sombras tristes as páginas do *Ribamar*, é a personalização dos rapazes de hoje, dos rapazes que se erguem para a vida e que fogem da boémia desordenada, mas fascinadora, que o sangue lhes reclama, para se votarem a uma tarefa ardua de reparação e reconstrução.

Na alma atribulada de Henrique vivemos nós todos, vive o reflexo das nossas almas.

Henrique acredita na vitória ultima da intelligencia, como nós acreditamos. «A intelligencia vence sempre, proclama ele em palavras de fé viva que irrompem do âmago da sua tristeza, mas não vence de pronto. Nessas batalhas é

preciso bater bem o terreno prepará-lo de vagar; cuidá-lo, enfim, como se fosse sementeira».

O Verbo aliado à Acção! Verbo persistente a preparar uma Acção eficaz! Que esplendida lição a da melancolia de Henrique!



VIEIRA DO MINHO — O carvalho de Irmal

As outras personagens que vivem descuidosamente dentro de *Ribamar*, personificam, propriamente, todos aqueles que ainda não acordaram aos ecos fragorosos da luta, aqueles que vivem na ignorancia do que são.

Há ainda o lavrador que se agarra instintivamente à sua courela numa explosão épica de amor incontido.

O padre, — alma piedosa e ponderada, que sabe advinhar os tesouros inapreciáveis que valorizam sobremaneira a alma de Henrique e o consola da imbecilidade do vulgo que, na incompreensão do seu drama intimo, o alcunha irrisoriamente de «humatico». E, enfim, o moço camponio que se parte desvairadamente para os *Brazis*, passando por cima do coração de um pai, calcando o cadaver de uma mãe que se fina com a dôr de ver abalar aquele pedaço estremeado da sua carne, desprezando as lágrimas de uma noiva que chora, inconsolavel, uma ausencia cheia de ingratitude e egoismo, é o espelho vivo

de Portugal sempre pronto a sacrificar-se na hora falsa da quimera.

Numa palavra, *Ribamar* encerra inumeras lições, todas elas notáveis, todas elas preciosas, que se compendiam



BRAGA — Festa a favor do Collegio de Regeneração em Junho de 1927

todas numa só — a lição do drama da nossa vida: — Portugal perdeu-se na aventura das ondas, por não ter enterrado na terra o seu coração antes da partida.

Não mais se encontrou desde então. E, desenraizados e abandonados à mercê das vagas, temos vogado sem rumo nem destino.

Felizmente que, nodealbar de uma nova idade que se anuncia, já temos a grande felicidade de encontrar *terra à vista*.

EUGENIO DE BELMÔR

Se julgarmos o amor unicamente pelos seus efeitos, podemos dizer que ele se assemelha mais ao odio do que á amizade.

*La Rochefoucauld.*

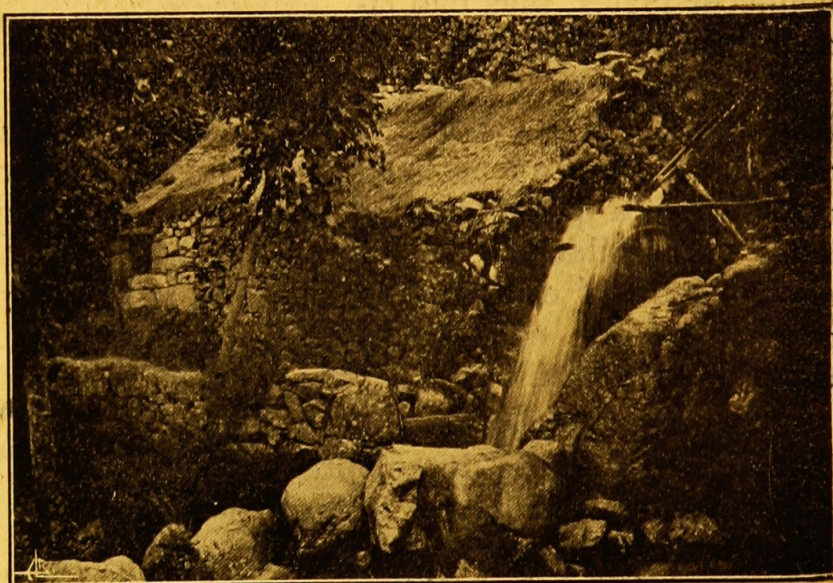
Saber esperar é um dos grandes segredos do exito.

*J. de Maistre.*

## ROBINSON CRUSOÉ

Era uma questão geralmente admitida até agora que Daniel de Foë havia tirado o entrecho do seu *Robinson Crusóé* das aventuras autenticas do marinheiro escossez Alexandre Selkirk, abandonado na ilha de Juan Fernandez, a qual desapareceu por ocasião de violentas perturbações sismicas, ocorridas ha alguns anos.

Cumpre notar que De Foe colocou a sua ilha no mar dos Caraibas, quasi em frente á foz do Orenoco; ora, um estudioso frequentador de bibliotecas descobriu uma tradução ingleza dos *Comentarios Reales* do celebre historiador Garcilaso de la Vega, publicada em Londres



MINHO — ROSSAS

Agra. O celebre «Pizão» onde se fazem mantas de burel...

em 1688, que relata as estranhas aventuras de um marinheiro espanhol, naufragado nessas mesmas paragens, no principio do seculo XVI, e atirado pelas vagas a uma ilha deserta onde viveu sete anos.

Tendo sido impresso em 1719 o *Rubinson Crusóé* de De Foe, é permitido crer que ele se inspirou na narrativa de Garcilaso de la Vega, com a qual o conhecido livro inglez apresenta varios pontos de contacto.

Pedro Serrano, ultimo sobrevivente da nau espanhola, achou-se em condições infinitamente mais criticas do que Robinson, porquanto a ilha que lhe deu abrigo, não era mais do que um banco de areia, sem vegetação e sem agua. Durante as primeiras vinte e quatro horas, Serrano, exausto, torturado pela fome e pela sede, sofreu tanto que havia resolvido atirar-se ao mar. Mas uma chuva providencial veio trazer-lhe a agua potavel, e com alegria ele viu na praia numerosos e diferentes moluscos, que lhe mitigaram a fome.

Na manhã imediata, ao acordar, teve a grata surpresa de avistar uma enorme tartaruga, que saía das aguas e vinha depôr na areia os seus ovos.

Conseguiu matal-a com uma faca, unico e precioso objecto que salvara do naufragio. Cortou em fatias a carne succulenta, que se- cou ao sol, e do casco se utilisou como de um receptaculo para recolher a agua da chuva. E sendo a praia arenosa continuamente visitada pelas tartarugas, o problema da sua alimentação ficou resolvido.

Acalmadas as primeiras ancias da fome. Serrano, novo Prometheu, procurou o fogo para cosinhar. Na ilha nada havia. Anado, ele foi buscar algas e pedras. Estas lhe deram o fogo que elle ateou nas algas sêcas. E esse foi o processo que sempre empregou.

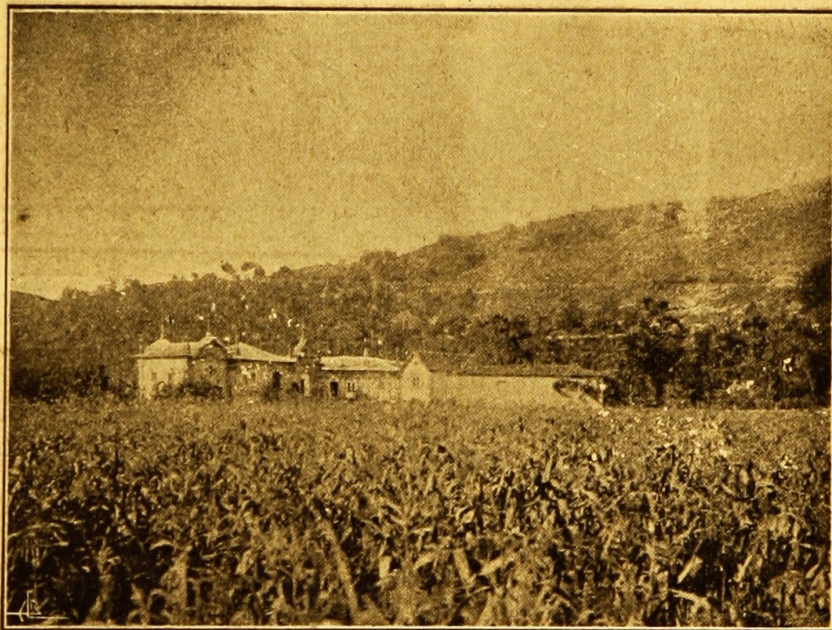
Decorridos alguns mezes, o marinho espanhol tinha perdido o aspecto de homem civilisado. Sem roupa, com barbas e cabelo que lhe chegavam até á cintura, a pele enegrecida pelo sol, ele dava a apparencia de um selvagem.

Com extraordinaria coragem, Pedro Serrano, lutando contra as privações de toda a especie, viveu durante tres anos em condições muito inferiores ás do exilio de Robinson Crusóe.

Um incidente inesperado veio pôr termo á sua solidão. Uma manhã, em-

quanto rodeava a ilha, em busca de moluscos, ele se achou em frente a outro naufragio. Julgando ser victima de uma illusão, fugiu, gritando, benzendo-se, emquanto o recém-chegado, temendo o selvagem, tambem se afastava correndo. Minutos após, eles se abraçavam.

Mais quatro anos decorreram, durante os quais Serrano e o seu companheiro de infortunio viram passar, ao largo, varios navios, sem que conseguissem atrair a atenção dos navegantes, com os fogos acesos na praia. Esses dois homens, em tão penosa situação, brigavam muitas vezes; e contava mais tarde Serrano, que durante mezes vive-



MINHO — ROSSAS

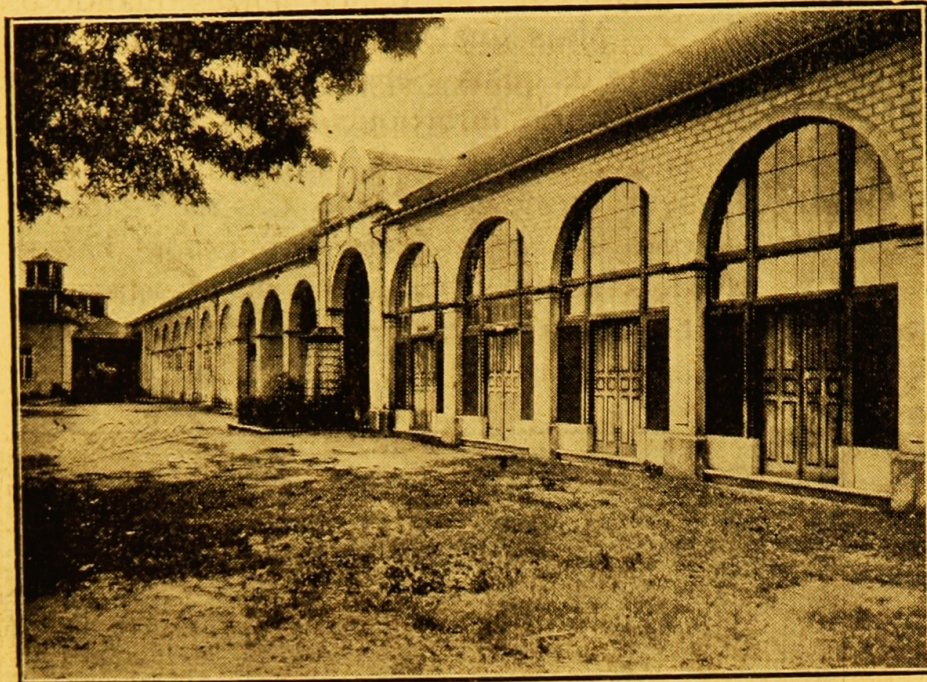
*Casa de Lamas, vista tirada da estrada no tempo do milho*

ram separados. Finalmente, sete anos depois de haver ali naufragado o marinho espanhol, uma embarcação, atendendo aos sinais, aproximou-se e recolheu a bordo os dois homens. Mas a equipagem, julgando-os selvagens, não os queria receber; e só quando, de joelhos, eles recitaram o *Credo*, foram por ela acolhidos.

O companheiro de Serrano morreu em viagem; mas Pedro, que era robusto, viveu ainda muitos anos e gosou de uma pensão concedida por Carlos V, o qual o quiz pessoalmente conhecer. Um dia, Serrano, resolveu partir para a America, e finou-se no Panamá.

## Ilhas que ocultam tesouros

A ilha de Galita, situada no Mediterraneo, é habitada por uma familia italiana, cujo chefe se chama Draco.



BRAGA — Ginasio do Liceu Sá de Miranda

Esse homem, segundo se afirma, aí se refugiou, mais ou menos no ano de 1850, depois de um crime que o forçara a abandonar a patria.

Pouco tempo depois de haver chegado a esse pequeno canto de terra, esquecido por todos, o novo Robinson teve a inesperada ventura de descobrir, no fundo de uma caverna, um verdadeiro tesouro, composto de moedas antigas de diversos paizes.

Supõe-se que esse tesouro havia sido ali occulto por piratas barbarescos, antes da conquista da Argélia.

Passado o primeiro momento de estupefacção, perante essa descoberta digna dos contos das *Mil e uma noites*, o habitante de Galita escolheu, entre as numerosas moedas, certa quantidade de peças de ouro espanholas, occultou cuidadosamente o resto, e na fragil embarcação que ali o levára, partiu para a ci-

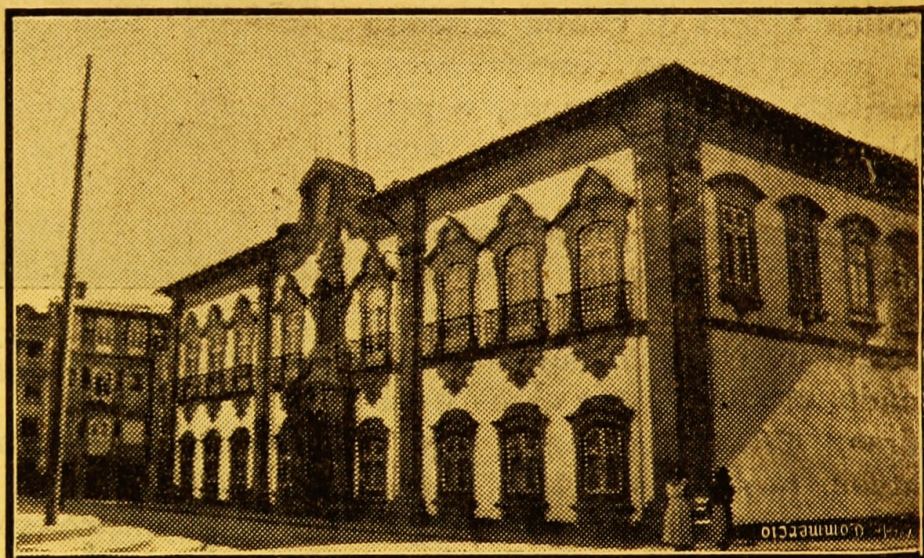
dade de Napoles. Aí se dirigiu a uma casa de cambio, onde ninguem teve a curiosidade de indagar da procedencia das moedas espanholas, em troco das quais ele recebeu uma soma avultada, em dinheiro corrente.

Rico, Draco permaneceu algum tempo em Napoles e aí se casou; e, depois de haver adquirido tudo quanto seria necessario para uma instalação definitiva, voltou para Galita onde continuou a viver tranquilamente.

Hoje, verdadeiro patriarca, vive cercado de descendentes em numero de cincoenta.

O tesouro de Galita recorda o da ilha Tristão da Cunha.

Quando, em 1817, o destacamento que a Inglaterra



BRAGA — Edificio dos Paços do Concelho

ali enviára para vigiar de longe (a distancia entre Tristão da Cunha e Santa Helena é de 1.300 milhas) o soberano que ela exilára num inhospito rochedo, chegou áquella ilha, que se supunha deserta, os soldados e os seus chefes muito surpresos se mostraram: aí viram estabelecido um italiano solitário, chamado Tomaz Corri, o qual possuia marmittas de barro repletas de moedas de ouro.



Interrogado, ele confessou, depois de certa resistencia, que tinha feito parte de uma equipagem de piratas, cujo navio naufragára perto da ilha, morrendo toda a tripulação, excepto ele, que difficilmente se salvára.

Todo o dinheiro que havia a bordo, fôra encontrado numa caixa que boiava sobre uma prancha, e isso explicava a presença do ouro que os soldados tinham visto e que ele logo escondera.

Ao official que comandava o destacamento, Corri energicamente recusou indicar o ponto em que havia ocultado o tesouro, e morreu sem desvendar o seu segredo.

Emquanto estive na ilha Tristão da Cunha, em vão procurei o esconderijo; e quando a morte de Napoleão tornou inutil a presença dessas forças naquela região abandonada, um cabo e dois soldados solicitaram auctorisacão para permanecer ali. Tinham o intento de explorar minuciosamente a ilha, como de facto fizeram; mas todas as pesquisas foram improficuas.

Mais tarde, uma pequena colonia de sessenta pessoas se foi estabelecer em Tristão da Cunha; e, conhecendo a historia do tesouro que aquelas terras encerravam, por seu turno empreenderam atentas e longas investigacões, egualmente ineficazes.

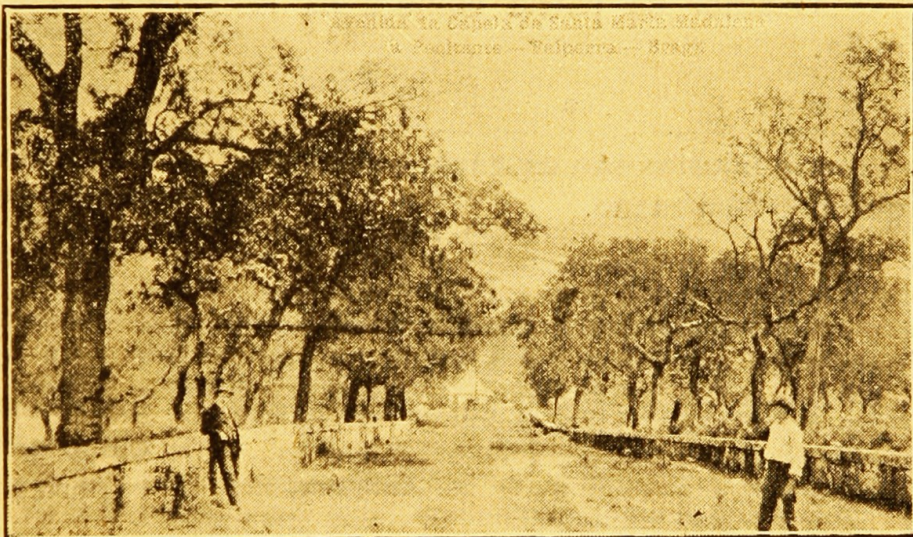
Emfim, na sua viagem ao redor do mundo, efectuada em 1867, o duque d'Edimburgo, tendo ouvido referencias a essas marmitas de barro cheias de moedas de ouro, que Corri subtraíra aos olhares dos inglezes, aportou á ilha e mandou praticar excavações, cujo resultado foi, como sempre, negativo.

Há outra ilha que guarda, ciosamente, em seu seio, um tesouro, o qual lhe é attribuido por uma narraçãõ de genero identico. Aludimos á ilha dos Cocos, situada a uma pequena distancia de Panamá.

De vez em quando, os jornais nos informam de que uma expedicão aí esteve, no intuito de descobrir o tesouro que a ilha encerra; mas, como nunca ha referencias ao exito dessas tentativas, é provavel que todos os pesquisadores tenham sido tão pouco felizes quando os exploradores de Tristão da Cunha.

A ultima visita á ilha dos Cocos foi feita pelo conde inglez Fitz-Wiliams, que aí desembarcou a bordo do seu belo yacht *Véronique*.

Segundo relantam as lendas, não são unicamente as ilhas que ocultam tesouros: em certos logares do continente tambem se escondem colossais fortunas.



BRAGA — FALPERRA  
Avenida de Santa Maria Madalena

Perto de Strasburgo, num canto pitoresco da Floresta Negra, nas proximidades de Todnauberg, existe um rochedo no qual está gravada uma roda cercada de hieroglyfos; neles, conforme se pensa, reside a indicacão de riquezas occultas nas cercanias.

E isso explica porque, com muita frequencia, aí se praticam excavações.

Quer outra lenda que na torre Joana d'Arc, em Rouen (França), haja um tesouro. Um inglez, que acreditou na tradiçãõ, fez, ha anos, explorações nessa velha torre, onde nada encontrou.

Julga-se sempre que o primeiro amor é o ultimo e que o ultimo é o primeiro.

M. Donnay.

# ANECDOTAS      HISTORICAS

## Pensamentos

A ignorancia é a noite do espirito, noite sem lua e sem estrelas.

*Cicero.*

\*

O patriotismo, para ser verdadeiramente uma virtude moderna, cumpre obedecer ao sentimento da patria e ao da humanidade.

*Bani.*

\*

O amor da patria começa na familia.

*Bacon.*

\*

As injurias são as razões daqueles que não tem razão.

*J.-J. Rousseau.*

\*

Não ha maior impostura do que pretender governar os homens quando não se tem para isso a capacidade de vida.

*Xenofonte.*

\*

Nada destroi mais completamente as superstições do que uma instrucção solida.

*Fénelon.*

\*

A harmonia, a probidade, a industria e a frugalidade, eis os meios de que um povo dispõe para ser poderoso e feliz.

*washington.*

\*

Louvar sempre moderadamente é um manifesto signal de inferioridade.

*Leibnitz.*

\*

A virtude é o bom emprego do livre arbitrio.

*S. Agostinho.*

\*

O merecimento de um homem sempre se reconhece pelo merito daqueles que ele frequenta.

*Lord Colingwood.*

Fazei o bem, sem que nenhum motivo de interesse pessoal a isso vos incite.

*Confucio.*

\*

Raramente nos arrependemos de ter falado pouco; muitas vezes nos arrependemos de haver falado de mais.

*La Bruyère.*

\*

A alma tem ilusões como o passaro tem azas; são elas que a sustentam.

*Victor Hugo.*

\*

Ha tres espécies de ignorancia: não saber o que deveriamos conhecer; saber mal o que sabemos; saber o que nos cumpria ignorar.

*La Rochefoucauld.*

\*

A vida do homem divide-se em duas fases muito distinctas: os trinta e cinco primeiros anos são dedicados á experiencia; os outros, ás recordações.

*Dumas Fils.*

\*

O mais admiravel medico é a natureza, pois cura as tres quartas partes das molestias e nunca fala mal dos seus confrades.

*V. Cherbuliez.*

\*

São as rugas dos outros que nos mostram que envelhecemos.

*Balzac.*

\*

O amor proprio é o maior de todos os lisonjeiros.

*La Rochefoucauld.*

\*

A liberdade é o ar respiravel da alma humana.

*Victor Hugo.*

\*

Em literatura, o meio mais simples de alcançar o exito é ser dotado de genio.

*Balzac.*